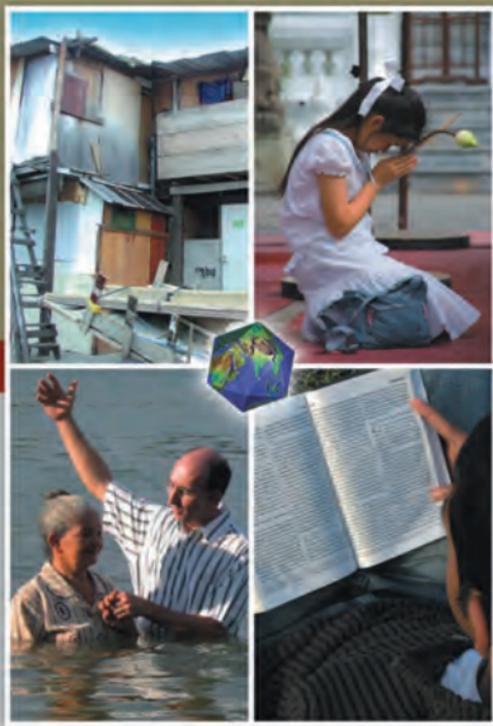


Perspectivas

NO MOVIMENTO CRISTÃO MUNDIAL



Coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial

EDITORES

Ralph D. Winter | Steven C. Hawthorne | Kevin D. Bradford

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13

Perspectiva bíblica

1	A Bíblia na evangelização do mundo – John R. W. Stott	19
2	Missões: a prioridade de Deus – Russell P. Shedd	25
	Participação no sacerdócio divino – Walter C. Kaiser Jr.	26
3	O Deus vivo é um Deus missionário – John R. W. Stott	33
4	A história de sua glória – Steven C. Hawthorne	41
5	Alegrem-se os povos – John Piper	57
6	Em missão com Deus – Henry T. Blackaby e Avery T. Willis Jr.	59
7	Testemunha para o mundo – David J. Bosch	63
	As duas forças – Jonathan Lewis	64
8	A base bíblica do mandato missionário mundial – Johannes Verkuyl	69
9	O evangelho do Reino – George Eldon Ladd	82
10	Ministério radical em um mundo polarizado – Kevin D. Bradford	98
11	O plano do Mestre – Robert E. Coleman	107
12	Missão conforme Jesus Cristo – Estevan F. Kirschner	112
13	Mandamento na montanha – Steven C. Hawthorne	119
	“Todas as nações” – John Piper	120
14	O Reino de Deus na realidade do mundo – Leslie Newbiggin	126
15	O momento decisivo: libertando o evangelho – M. R. Thomas	129
16	Atos de obediência – Steven C. Hawthorne	133
17	A importância da igreja local em missões – Carlos del Pino	139
18	A filosofia missionária de Paulo – Russell P. Shedd	143
19	A Igreja no plano de Deus – Howard A. Snyder	150
20	O que a Bíblia ensina sobre os não alcançados – Carlos O. Cardoso Pinto	158
21	A supremacia de Cristo – Ajith Fernando	163
22	A Bíblia e as questões raciais e sociais – Ariovaldo Ramos	174
23	O foco da missão – Ziel Machado	181
24	O evangelho integral – Valdir Steuernagel	184
	Missiologia da periferia – Samuel Escobar	186
25	Oração: rebelião contra o <i>status quo</i> – David Wells	190
26	A missão de interceder – Durvalina B. Bezerra	194



27	Se eu tiver que morrer – Irmão André	198
28	Sofrimento e martírio: a estratégia de Deus no mundo – Josef Tson	201
	Pobreza e sofrimento – Antônia Leonora Van der Meer	202
29	A armadura de César e a <i>panopticon</i> de Deus – Ronaldo Lidório	206
30	Paixão apostólica – Floyd McClung	210
31	Sou eu um apóstolo? – Silas Tostes	214

Perspectiva histórica

32	A Igreja é maior que você pensa – Patrick Johnstone	221
33	Como as águas cobrem o mar – Robert A. Blincoe	227
34	As duas estruturas da missão redentora de Deus – Ralph D. Winter	245
35	A história da estratégia missionária – R. Pearce Beaver	256
36	Uma história de transformações – Paul Pierson	269
37	Os morávios e as missões – Kenneth B. Mulholland	277
38	Períodos da história missionária – Ralph D. Winter	281
39	Uma investigação sobre o dever dos cristãos – William Carey	291
40	Quem realmente foi William Carey? – Vishal e Ruth Mangalwadi	300
41	A necessidade e os clamores espirituais da China – J. Hudson Taylor	305
42	Tribos, línguas e tradutores – William Cameron Townsend	310
43	As pontes de Deus – Donald A. McGavran	312
44	Nova Macedônia – Ralph D. Winter	330
45	Da cristandade ocidental ao cristianismo mundial – Todd Johnson e Sandi Lee	346
	A próxima cristandade – Philip Jenkins	348
46	Cristianismo na Ásia – Scott W. Sunquist	352
47	As ondas missionárias estrangeiras no Brasil – Carlos Caldas	357
48	Missões a partir do Brasil – Bertil Ekström	367
49	Mulheres em missão – Marguerite Kraft e Meg Crossman	370
50	Cristãos e muçulmanos: uma longa história de conflitos – Alderi Souza de Matos	374
51	Avivamento e missão – C. Timóteo Carriker	378
	A experiência de avivamento – Russell P. Shedd	379

Perspectiva cultural

52	Entendendo o que é cultura – Lloyd E. Kwast	385
53	Limpo e sujo: equívocos transculturais na Índia – Paul G. Hiebert	389
54	Cultura, cosmovisão e contextualização – Charles H. Kraft	392
55	O papel da cultura na comunicação – David J. Hesselgrave	401
56	Contextualização entre os indígenas – Silas de Lima	408
57	Em busca de uma definição transcultural de pecado – T. Wayne Dye	418



58	Analogias de redenção – Don Richardson	423
59	Por que comunicar o evangelho por meio de histórias? – Tom A. Steffen	432
60	Três confrontos para o testemunho cristão – Charles H. Kraft.....	437
61	Estrutura social e crescimento da Igreja – Paul G. Hiebert	444
62	Comunicação e estrutura social – Eugene A. Nida.....	452
63	Um missionário viável: aprendiz, comerciante e contador de histórias – Donald N. Larson	466
	Mais missionários brasileiros para o mundo muçulmano – L. C.....	470
64	A identidade cultural do missionário – Analzira Pereira do Nascimento	473
65	Desafios missionários para mulheres brasileiras – Antonia Leonora van der Meer	476
66	O jeito brasileiro – Margaretha N. Adiwardana	478
67	Por que os muçulmanos nos odeiam? – Philip Yancey.....	481
68	Os missionários destroem as culturas? – Don Richardson.....	484
69	Missão e cultura: pecado de conservadores e liberais – Robinson Cavalcanti.....	495
	Implicações culturais da igreja autóctone – William A. Smalley.....	496
70	O relatório de Willowbank – Comissão de Lausanne para a evangelização mundial	498

Perspectiva estratégica

71	Cobrimdo o globo – Patrick Johnstone.....	529
	A situação do Brasil – Ted Limpic e Lourenço Kraft.....	538
72	A Janela 10/40 – Luis Bush	542
73	Completando a tarefa – Ralph D. Winter e Bruce A. Koch	547
74	Novas fronteiras – Ronaldo Lidório	561
75	Estratégia missionária – C. Peter Wagner.....	564
76	O desafio das cidades – Roger S. Greenway	576
77	Cidades – Carlos del Pino	582
78	Visão 2025: o último grande surto de novas traduções da Bíblia – <i>Manual del Representante</i> (Wycliffe Américas)	586
79	Crônica de uma tradução bíblica – Ronaldo Lidório.....	590
80	Etnomusicologia – Tom Avery	593
81	A liderança do evangelismo no trabalho cristão – Samuel Moffett	596
82	Evangelização de grupos sincretistas – Cácio Silva.....	599
83	Os pobres urbanos: quem somos nós? – Viv Grigg.....	606
84	O menino nu na rampa do lixo – Valdir Steuernagel.....	611
85	Ajudando com sabedoria – Maurício Cunha e Beth Wood.....	615
86	A multiplicação espontânea de igrejas – George Patterson.....	619
87	O desafio da evangelização total – Lourenço Kraft e Oswaldo Prado Filho.....	632
88	Evangelização de famílias inteiras – Chua Wee Hian.....	635
89	Uma igreja para cada povo – Donald A. McGavran.....	639



90	Povos não alcançados – Oswaldo Prado Filho	645
91	Plantio de igrejas em contexto animista – Ronaldo Lidório	654
92	A cultura indígena e a necessidade do evangelho – Henrique Terena.....	658
93	Testemunho cristão junto aos hindus – Comissão de Lausanne para a evangelização mundial.....	663
	A Índia – Ricardo Gondim Rodrigues.....	666
94	Testemunho cristão ao povo chinês – Thomas Wang e Sharon Chan	672
95	Alcançando o povo muçulmano com o evangelho – Ishak Ibrahim.....	680
96	Declarando paz aos muçulmanos – Marcos Amado	684
97	Indo longe demais – Phil Parshall	688
	O espectro C1 a C6 – John Travis	690
98	Todos os muçulmanos devem deixar o “islã” para seguir a Jesus? – John Travis	694
99	Níveis de contextualização – Barbara Helen Burns	699
100	Uma equipe pioneira na Zâmbia, África – Phillip Elkins.....	704
101	Porcos, lagoas e o evangelho – James W. Gustafson	710
102	Um movimento de adoradores de Cristo na Índia – Dean Hubbard.....	714
103	Trovão distante: mongóis seguindo ao Khan dos khans – Brian Hogan.....	718
104	A obra de Deus entre os hakkas do Taiwã – Ernest Boehr.....	724
105	Ásia do Sul: legumes, peixe e mesquitas messiânicas – Xá Ali e J. Dudley Woodberry.....	727
106	Ann Croft e os fulanis – Fatima Mahoumet.....	731
107	Deus queria alcançar os matigsalogs – Jun Balayo	733
108	Música para seus ouvidos – Jack e Jo Popjes	736
109	Nós como servos: os obreiros latino-americanos no Oriente Médio – Andres e Angélica Guzman.....	738
110	O que significa ser um cristão mundial – David Bryant	742
111	O cristão mundial – Kevin D. Bradford.....	746
112	Missões de qualidade – Edison Queiroz.....	750
113	O papel da igreja local no preparo missionário – Barbara Helen Burns e Jonas Machado	753
114	A vocação missionária – C. Timóteo Carriker.....	760
	A evangelização do mundo – John R. Mott.....	761
115	Preparando-se para a viagem missionária – Kevin D. Bradford.....	765
116	De volta para o futuro: missão empresarial e missões transculturais – João Mordomo.....	769
117	Missões e Cia – Bertil Ekström.....	777
	Decálogo da cooperação – Paulo Mendes	778
118	O Pacto de Lausanne.....	782

Prefácio

“O livro de missões mais utilizado no século XX.” Essa é a descrição dada à obra *Perspectives on the World Christian Movement*. A versão em inglês desse texto já foi usada por cerca de **100** mil participantes do curso *Perspectivas*, além de ser leitura obrigatória em centenas de seminários, igrejas e outras instituições de treinamento. A obra em inglês já se encontra em sua quarta edição, tendo se tornado conhecida por conter tanto artigos clássicos quanto inovadores, relacionados à teoria e à prática da evangelização mundial.

A ideia de oferecer em português um material tão amplo encontra motivação em desejos semelhantes. A expectativa é que seja útil não apenas para missionários em atividade e em treinamento, mas também para pastores, líderes eclesiais e cristãos em geral que desejem promover os propósitos do Reino de Deus.

De certa forma, *Perspectivas* é uma biblioteca num único volume, contendo artigos de mais de cem autores. Os editores desejam expressar sua admiração e reconhecimento a cada um deles. Em muitos casos, um artigo representa a sabedoria depurada ao longo de décadas de experiência.

Ralph Winter é o principal responsável por *Perspectivas* (tanto o livro quanto o curso). Durante dez anos, ele trabalhou entre os maias na Guatemala. Na época, fazia parte de uma pequena equipe que lançou o projeto de educação teológica por extensão, que utilizava um método hoje utilizado no treinamento de pastores em todo o mundo, o qual se baseia no deslocamento do professor até o contexto em que vive o aluno. Em **1966**, Winter recebeu o convite de Donald McGavran para se unir à *School of World Mission*, do Fuller Theological Seminary. Enquanto atuava ali, fundou o Instituto de Verão para Estudos Internacionais, a fim de atender às centenas de alunos que decidiram se dedicar a servir a Deus no congresso nacional de missões realizado em Urbana. Mais adiante, naquele mesmo ano (**1974**), ele lançou o conceito de “povos ocultos” (povos não alcançados) no Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Lausanne, na Suíça (veja o artigo **44**, “Nova Macedônia”, extraído daquela mensagem). O projeto *Perspectivas* surgiu dessas experiências, e em **1982** foi lançada a primeira edição da coletânea em inglês.

Steven Hawthorne trabalhou como coeditor em todas as edições da obra *Perspectivas*. Ao longo da década de **1980**, trabalhou como editor executivo da *World Christian Magazine* e auxiliou no lançamento do Projeto Josué, cujo foco é pesquisar grupos de povos e mobilizar igrejas locais. Atualmente, é diretor de *WayMakers*, um ministério de mobilização que promove a intercessão por povos não alcançados.

Além dos editores e diversos autores, uma grande equipe de irmãos e irmãs em Cristo dedicou seu tempo e habilidades a fim de levar a cabo a conclusão deste livro em português. Apesar de ser impossível citar todos os que estiveram envolvidos, os editores desejam reconhecer a valiosa contribuição das seguintes pessoas e lhes oferecer nossa sincera gratidão.

A principal iniciativa em conduzir esse projeto surgiu de entusiastas em missões que hoje compõem grande parte da equipe de *Perspectivas* no Brasil: Kevin Boot, Jason Gardner, Edson Rodrigues e Willem Zuidema. Em especial, desejamos agradecer a Eduardo Bernardes por sua inestimável assistência nos detalhes administrativos, além de sua paciência e dedicação no processo de revisão. Micheli Lopes também integrou a equipe posteriormente, mas seu encorajamento e auxílio não foram menos preciosos.



Um segundo grupo que merece menção especial é a equipe de Edições Vida Nova. O diretor, Ken Davis, é digno de nota por dar um considerável passo de fé, ao assumir e promover um projeto de tão grande porte como esse. Seu encorajamento ao longo do processo foi inabalável. Semelhantemente, Marisa Lopes merece gratidão especial por sua prontidão em se dedicar com profissionalismo a mais detalhes do que se possa imaginar. Não fosse sua dedicação, esse livro teria uma qualidade perceptivelmente inferior. Muitos outros na Vida Nova os editores ainda não conhecem pessoalmente, mas sua contribuição ao projeto deve ser reconhecida. Em especial, nossos agradecimentos a Sérgio Moura, Valdo Sampaio, Mauro Nogueira e Curtis Kregness. Valeu!

Os artigos desta coletânea incluem as “perspectivas” de autores nacionais e estrangeiros. A tarefa de tradução e revisão de artigos mais recentes recaiu sobre os ombros de outro grande grupo. Artigos traduzidos especialmente para esta obra resultaram do trabalho de uma ou mais das seguintes pessoas: Débora Andrade, Maira Bonini, Eduardo Chaves, Cláudia Kriger, Cláudio Lingerfelt, Denise Metzler, Andrea Meznar, João Ricardo Morais, Abimael Pereira, Tirzah Pinto e Karen Zambelli.

A equipe de Perspectivas nos Estados Unidos também forneceu assistência estratégica de diversas formas, até mesmo com sugestões para novos artigos, a generosa concessão de análises estatísticas e imagens gráficas, bem como sábios conselhos e encorajamento. Bruce Koch, líder do departamento internacional, Sarah Hawthorne, Christy Graham e David Flynn merecem menção especial.

Por fim, ao longo dos mais de dois anos desde o início do projeto, o Senhor suscitou ainda outros para ajudar em momentos cruciais. Menção especial deve ser feita aos membros do comitê de referência de Perspectivas Brasil, bem como aos líderes da Associação de Professores de Missões do Brasil (APMB), grupo com o qual temos afinidade no tocante à visão e à paixão. Gostaríamos, ainda, de citar missões que são nossas parceiras neste projeto, especialmente o Seminário Bíblico Palavra da Vida (Atibaia) e a equipe da agência missionária Comunicando Cristo Internacionalmente — CCI–Brasil (Curitiba). Finalmente, somos gratos aos irmãos e irmãs de nossas igrejas, bem como às nossas famílias, por partilharem do compromisso de exaltar o nome de Cristo.

Que Deus suscite mais glória ao seu nome entre as nações como resultado dos esforços de tantos irmãos e irmãs. Vocês são muito prezados e amados.

Gostaríamos de registrar aqui uma última palavra a respeito da proposta desta obra. Os artigos desta coletânea incluem as “perspectivas” de autores nacionais e estrangeiros. Com isso, a proposta é levar o leitor a ouvir vozes de diferentes perspectivas, refletir sobre todas elas e, por fim, chegar à sua própria conclusão a respeito dos temas abordados. Portanto, gostaríamos de ressaltar que, embora nem todas as perspectivas apresentadas reflitam necessariamente a posição de Edições Vida Nova ou dos integrantes do grupo Perspectivas Brasil, elas são trazidas ao leitor para ajudar na reflexão acerca das diversas facetas apresentadas em torno dos temas discutidos.

“E este evangelho do reino será pregado pelo mundo inteiro, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24.14, versão Almeida Século 21).

Kevin D. Bradford
Atibaia, São Paulo.

Introdução

O ano de 1987 ficou marcado na história das missões na América Latina por um rito de passagem. No dia 23 de novembro, milhares de participantes enviados de todas as partes do continente, bem como de vários países estrangeiros, reuniram-se para o primeiro encontro do COMIBAM em São Paulo, a fim de celebrarem a transição desta região de “Campo Missionário” para “Força Missionária”!

Como acontece com a maioria dos ritos de passagem, muitos fatores significativos antecederam ao evento em si, conferindo maior credibilidade às suas reivindicações. A título de exemplo, poderíamos citar as conferências regionais prévias, as dezenas de agências missionárias recém-estabelecidas e, o mais importante de tudo, a presença atuante das centenas de missionários brasileiros e latino-americanos em várias partes do mundo.

O COMIBAM foi, portanto, um passo fundamental. Neste congresso, para usar uma metáfora esportiva, a América Latina e o Brasil em especial se apresentaram para entrar no jogo. Dessa data em diante, o país teria um papel cada vez mais importante no avanço missionário mundial.

O ano de 1987 também foi marcante por um segundo motivo: o lançamento de uma nova publicação dedicada à causa missionária. De fato, tratava-se de publicação composta de quatro títulos relacionados entre si, publicados na época pela Editora Mundo Cristão: *Missões transculturais*: uma perspectiva bíblica; uma perspectiva histórica; uma perspectiva cultural; uma perspectiva estratégica.

Os quatro livros em conjunto apresentavam várias posições clássicas sobre o tema “Missões Transculturais” e, para a glória de Deus, foram utilizados no treinamento de centenas ou quem sabe milhares de missionários brasileiros, promovendo a mobilização de, no mínimo, a mesma quantidade de igrejas.

A realização de um congresso e a publicação de um livro: à primeira vista, dois eventos muito distintos. Na realidade, porém, dois eventos que se mostraram completamente interdependentes.

O congresso missionário significa que pessoas foram ganhas para Cristo, igrejas foram plantadas, e culturas foram alcançadas. O livro, porém, nos recorda quão árduo é o treinamento efetuado, antes que um atleta esteja preparado para a competição. A preparação é fundamental. Voltando à nossa analogia, marcar gols em um jogo, o que nem sempre acontece, nunca é algo fácil de conseguir.

Portanto, resta claro que missões transculturais se constituem num campo bastante complexo e difícil. A fim de viver de modo agradável a Deus e ser eficaz em seu ministério, os cristãos precisam enfrentar um adversário que se dedica a impedir cada um dos seus movimentos. Para que o Brasil continue a desempenhar um papel relevante no avanço do reino de Deus, é preciso que a mobilização das igrejas locais seja continuamente renovada e que cada nova geração de missionários seja preparada com muita dedicação e oração.

Assim, apresentamos os artigos do atual volume da obra *Perspectivas no movimento cristão mundial* com a convicção de que, em curto espaço de tempo, o Brasil, bem como a América Latina em geral, deverão ocupar um espaço cada vez mais relevante no avanço do reino de Deus em todo o mundo. As estatísticas atuais confirmam que nosso país é responsável por um número superior a 3 mil missionários transculturais, que atuam em mais de 100 juntas e agências missionárias.



Na prática, tais cifras representam a metade do contingente enviado pela América Latina. Podemos louvar a Deus pelo resultado exitoso dos últimos vinte anos.

Porém, muito mais pode e deve ser feito. À medida que a igreja brasileira cresce, mais imprescindíveis se tornam a identificação e o encorajamento de novos candidatos a missões. E conforme vão sendo reconhecidas as barreiras políticas e linguísticas, bem como os demais possíveis obstáculos, os candidatos precisam receber o melhor treinamento disponível. Simultaneamente, torna-se indispensável aprimorar a organização das igrejas locais e das agências de modo a propiciar a alocação tanto de pessoal competente como de recursos adequados, a fim de que possamos cumprir essa tarefa prioritária.

O papel da força leiga é fundamental. Deus confiou uma missão a cada cristão. Sendo assim, num certo sentido, todos somos “missionários”. Em lugares onde a igreja ainda não está estabelecida, a presença de missionários transculturais é essencial. Estes, porém, não podem realizar seu trabalho sem a ajuda dos leigos. Para que o Brasil chegue a desenvolver plenamente o seu potencial como “força missionária”, as dezenas de milhares de cristãos locais precisarão assumir seu papel de enviar. As implicações diretas da compreensão daquilo que Deus deseja realizar por meio de seu corpo serão a intercessão adequada, o encorajamento e a contribuição financeira. A obra *Perspectivas no movimento cristão mundial* tem em vista justamente promover tal compreensão.

Cada uma das quatro seções do livro têm início com um ou mais artigos que transmitem um panorama geral do assunto. A seguir, vêm os demais artigos, os quais desenvolvem de forma mais específica temas relevantes que compõem a seção. O leitor atento perceberá que frequentemente um mesmo tema é abordado de forma complementar, sendo esclarecido a partir de diferentes perspectivas.

Em termos gerais, a seção inicial, que trata da perspectiva bíblica, pretende chamar a atenção do cristão para a sua responsabilidade à luz da eternidade. A Bíblia nos mostra que Deus tem um projeto para redimir a humanidade e reinar sobre ela: Missões. Os princípios que governam o conceito de missões não se encontram em uns poucos versículos do Novo Testamento; ao contrário, eles permeiam todas as Escrituras.

A perspectiva histórica nos leva a refletir sobre a nossa época à luz do passado. O desenrolar do plano de Deus ao longo dos séculos deve nos encorajar à perseverança nos dias de hoje. Os êxitos das gerações passadas, bem como seus fracassos, podem nos servir como guia para uma utilização eficaz de recursos nesta geração.

A perspectiva cultural contempla os desafios que se apresentam à Igreja em face da realidade contemporânea. Jamais devemos subestimar a complexidade da tarefa. Contudo, pela graça de Deus, é possível comunicar o evangelho de forma eficaz em qualquer cultura.

Por fim, a perspectiva estratégica procura edificar sobre os fundamentos previamente estabelecidos, a fim de obter metas e metodologias definidas que ajudem a modelar o futuro. A dimensão da evangelização mundial é algo de tal grandeza que um único modelo estratégico não é suficiente. Precisamos utilizar com eficácia a diversidade de talentos de inúmeros cristãos, se quisermos ter a possibilidade de afirmar com honestidade que estamos cumprindo o último mandamento do Senhor.

Esta edição difere da anterior por ser parte de um novo movimento. Um curso inédito, que recebe o mesmo nome, *Perspectivas no movimento cristão mundial*, está em fase de lançamento e será colocado à disposição de organizações como igrejas locais, agências missionárias e seminários, bem como dos cristãos, individualmente. Com base num total de doze lições, diversos professores levarão seus alunos a refletirem sobre várias das ideias previamente apresentadas neste livro.



Assim como o livro, o curso *Perspectivas no movimento cristão mundial* divide-se em quatro seções:

1. Perspectiva bíblica:
 - Deus é um Deus missionário.
 - A história de sua glória.
 - O Messias para o mundo.
 - Uma igreja para todos os povos.

2. Perspectiva histórica:
 - A expansão do movimento cristão.
 - Missões modernas e o Brasil.
 - A tarefa remanescente.

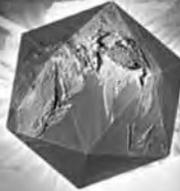
3. Perspectiva cultural:
 - Como ouvirão? A comunicação transcultural.
 - Construindo pontes de amor: a vida transcultural.

4. Perspectiva estratégica:
 - Desenvolvimento comunitário cristão.
 - Alcançando os não alcançados.
 - A vida do cristão mundial.

Concluindo, podemos observar que o nome “*Perspectivas*” é apropriado por mais uma razão. Este trabalho representa o pensamento de mais de cem líderes missionários e eclesiais. Mais de cinquenta artigos são de autoria brasileira, latino-americana ou de estrangeiros que atuam nesse contexto. Por outro lado, há também a colaboração de autores que representam mais de uma dúzia de países não latinos. Esperamos que o leitor se beneficie com a diversidade de pontos de vista aqui apresentados.

Um livro desse porte pode parecer intimidador para alguns. A fim de que absorva seu conteúdo a contento, sugerimos que o leitor escolha alguns artigos, começando pelos que lhe despertem mais interesse e depois se dirija aos temas a eles relacionados. A maioria dos capítulos inclui perguntas que visam promover uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

Contudo, o maior propósito do livro não é a teoria em si. Nosso desejo é que os leitores coloquem a maior parte dos princípios aqui apresentados em prática, construindo pontes para alcançar os perdidos, onde quer que se encontrem, levando assim adiante o reino de Deus. Ao fazê-lo, não somente o amadurecimento do movimento missionário brasileiro se fará evidente, mas os cristãos de todo o mundo serão agraciados com muitos motivos para celebrar a bondade de Deus.



*Perspectiva
bíblica*



JOHN R. W. STOTT é pastor emérito da All Souls Church, em Londres. Foi presidente do London Institute for Contemporary Christianity e capelão honorário da rainha da Inglaterra. Foi orador em cinco das Conferências Missionárias Estudantis realizadas em Urbana, nos Estados Unidos, e durante 25 anos (1952-1977) empreendeu viagens missionárias a cinco continentes. É autor de muitos livros, entre eles *Cristianismo básico* (publicado por Edições Vida Nova), e *Christian Mission in the Modern World* [Missões cristãs no mundo moderno]. Capítulo adaptado de uma mensagem apresentada numa sessão plenária da Consulta sobre Evangelização Mundial, realizada em junho de 1980, em Pattaya, na Tailândia. Usado com permissão.

S em a Bíblia, a evangelização do mundo seria não apenas impossível, mas também inconcebível. A Bíblia impõe-nos a responsabilidade de evangelizar o mundo, dá-nos um evangelho a proclamar, diz-nos como fazê-lo e declara-se o poder de Deus para a salvação de cada crente.

Além disso, é fato notável, na história passada e contemporânea, que o grau de compromisso da Igreja com a evangelização do mundo é proporcional ao grau de sua convicção da autoridade da Bíblia. Sempre que o cristão perde a confiança na Bíblia, seu zelo pela evangelização acaba se esvaindo. Inversamente, se ele estiver convencido acerca da Bíblia, estará também determinado a evangelizar.

Destaco a seguir quatro razões por que a Bíblia é indispensável à evangelização do mundo.

O mandato da evangelização mundial

Em primeiro lugar, a Bíblia nos dá o mandato da evangelização do mundo. Sem dúvida, precisamos de uma incumbência. Dois fenômenos estão ocorrendo em toda parte: o fanatismo religioso e o pluralismo religioso. O fanatismo caracteriza-se por um zelo irracional que, se pudesse, usaria a força para obrigar a crença e erradicar a incredulidade. O pluralismo religioso incentiva a tendência oposta.

Sempre que o espírito do fanatismo religioso ou de seu oposto, o indiferentismo, prevalece, a evangelização do mundo é profundamente prejudicada. Os fanáticos recusam-se a tolerar o rival representado pelo evangelismo, e os pluralistas rejeitam suas reivindicações exclusivas. O evangelista cristão é considerado um intruso, alguém que sem motivo se intromete nos negócios alheios.

Diante dessa oposição, precisamos esclarecer que o mandato bíblico não se limita à Grande Comissão (por mais importante que seja esta), mas abrange toda a revelação bíblica. Vou recordá-la rapidamente.

Existe um único Deus vivo e verdadeiro, o Criador do Universo, o Senhor das nações e o Deus de toda carne. Há cerca de 4 mil anos, Deus chamou Abraão e fez uma aliança com ele, prometendo



não apenas abençoá-lo, mas também abençoar, por meio da posteridade do patriarca, todas as famílias da terra (Gn 12.1-4). Esse texto bíblico é uma das pedras fundamentais da missão cristã, pois os descendentes de Abraão (por meio de quem todas as nações estão sendo abençoadas) são Cristo e o povo de Cristo. Se pela fé pertencemos a Cristo, somos filhos espirituais de Abraão e temos uma responsabilidade para com a raça humana. Assim, também os profetas do Antigo Testamento profetizaram que Deus faria desse Cristo o herdeiro e a luz das nações (Sl 2.8; Is 42.6; 49.6).

Quando Jesus veio, ele endossou essas promessas. É verdade que durante seu ministério terreno ele ficou restrito “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6; 15.24), contudo, ele profetizou que “muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mt 8.11; Lc 13.29). Mais ainda, prevendo sua ressurreição e ascensão, ele deu este fantástico testemunho acerca de si mesmo: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18). Foi em consequência de sua autoridade universal que ele ordenou aos seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações, batizando-os na nova comunidade e ensinando a todos sua doutrina (Mt 28.19).

Isso os cristãos primitivos começaram a fazer quando o Espírito Santo da verdade e do poder desceu sobre eles. Eles se tornaram testemunhas de Jesus até os confins da terra (At 1.8), e o faziam “por amor do seu nome” (Rm 1.5; 3Jo 7). Eles sabiam que Deus havia superexaltado a Jesus, entronizando-o à sua direita e concedendo-lhe a mais alta posição, a fim de que toda língua confessasse seu senhorio. Eles queriam que Jesus recebesse a honra devida ao seu nome. Além disso, um dia ele retornará em glória, para salvar, julgar e reinar. Portanto, o que deveria preencher o espaço entre as duas vindas? A missão mundial da Igreja! O fim da História só viria depois que o evangelho alcançasse os confins da terra (comp. Mt 24.14 com 28.20; At 1.8). Os dois fins iriam coincidir.

Nosso mandato para a evangelização do mundo, portanto, é a Bíblia inteira. Deve ser encontrado na criação de Deus, porque todos os seres humanos são responsáveis diante dele; no caráter de Deus, transcendente, amoroso, compassivo, não desejando que ninguém pereça, mas que todos venham ao arrependimento; nas promessas de Deus, que todas as nações sejam benditas por meio da semente de Abraão e venham a ser a herança do Messias; no Cristo de Deus, agora exaltado com autoridade universal, para receber aclamação universal; no Espírito de Deus, que convence do pecado, dá testemunho de Cristo e impela a Igreja a evangelizar; na Igreja de Deus, que é uma comunidade missionária multinacional, com ordens de evangelizar até que Cristo volte.

A dimensão global da missão cristã é irresistível. O cristão individual e as igrejas locais que não se comprometem com a evangelização do mundo estão contradizendo, por cegueira ou por desobediência, uma parte essencial de sua identidade, a qual provém de Deus. O mandato bíblico para a evangelização do mundo não pode ser ignorado.

A mensagem da evangelização mundial

Em segundo lugar, a Bíblia nos disponibiliza a mensagem para a evangelização do mundo. O Pacto de Lausanne define o evangelismo em termos de evangelho. O parágrafo 4 declara: “Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem”.

Nossa mensagem vem da Bíblia, mas quando a buscamos nas Escrituras, imediatamente deparamos com um dilema. De um lado, a mensagem nos é outorgada. Não temos permissão de inventá-la. Ela nos foi confiada como um “depósito” precioso, que nós, como servos fiéis, devemos guardar e distribuir na Casa de Deus (1Tm 6.20; 2Tm 1.12-14; 2Co 4.1,2). Por outro lado, não nos foi dada como uma fórmula



matemática simples e exata, e sim numa rica diversidade de formulações nas quais foram usadas imagens ou metáforas diferentes.

Portanto, existe apenas um evangelho, no que todos os apóstolos concordam (1Co 15.1), e Paulo podia invocar a maldição de Deus sobre qualquer um, inclusive ele próprio, que pregasse um evangelho “diferente” do evangelho apostólico original da graça de Deus (Gl 1.6-8). No entanto, os apóstolos expressaram esse evangelho único de diversos modos: sacrificial (o derramamento e a aspersão do sangue de Cristo); messiânico (o surgimento do governo prometido por Deus); legal (o juiz pronunciando a justificação do injusto); pessoal (o Pai reconciliando seus filhos desviados); salvífico (o Libertador celestial que veio para resgatar os desamparados); cósmico (o Senhor universal reivindicando domínio universal) — e esses são apenas alguns exemplos.

O evangelho é assim visto como único e, ao mesmo tempo, como diversificado. Ele é “dado” e, ao mesmo tempo, é culturalmente adaptado à sua audiência. Uma vez que percebamos isso, seremos poupados de cometer dois erros opostos. Ao primeiro chamarei “fluidez total”. Certa vez, ouvi um líder de igreja inglês declarar que não existe coisa tal como o evangelho até que estejamos na situação de dar nosso testemunho. Não levamos nada conosco nessa situação, ele disse. Descobrimos o evangelho apenas quando chegamos lá. Concordo plenamente com a necessidade de ser sensível em cada situação, mas, se esse era o ponto que o líder em questão desejava defender, ele o exagerou grosseiramente. Existe uma coisa tal como o evangelho revelado, ou dado, que não temos liberdade para falsificar.

Ao erro oposto chamarei “rigidez total”. Nesse caso, o evangelista se comporta como se Deus tivesse outorgado algumas fórmulas precisas, que temos de repetir mais ou menos palavra por palavra, e certas imagens, que devemos empregar invariavelmente. Isso nos torna escravos de palavras ou de imagens, ou de ambas. Alguns evangelistas fracassam por usar uma linguagem antiquada, enquanto outros se sentem obrigados

a mencionar a toda hora “o sangue de Cristo”, “a justificação pela fé”, “o Reino de Deus” ou qualquer outra imagem.

Entre esses dois extremos, há um terceiro e melhor caminho. Ele combina o compromisso com o fato da revelação e com a tarefa da contextualização. Aceita como permanentemente normativas apenas as formulações bíblicas do evangelho e entende que cada tentativa de proclamar o evangelho na linguagem moderna deve justificar-se como expressão autêntica do evangelho bíblico.

Contudo, se ele se recusa a se desfazer das formulações bíblicas, também recusará recitá-las de maneira inexpressiva e sem imaginação. Em vez disso, temos de nos ocupar da luta contínua, por meio da oração, do estudo e da discussão, para relacionar o evangelho recebido com determinada situação. Uma vez que ele vem de Deus, devemos preservá-lo; uma vez que se destina aos homens e mulheres dos tempos modernos, temos de interpretá-lo. Temos de combinar fidelidade (pelo estudo constante do texto bíblico) com sensibilidade (pela observação constante do cenário contemporâneo). Só então teremos condições de relacionar, com fidelidade e relevância, a Palavra com o mundo, o evangelho com o contexto, as Escrituras com a cultura.

O modelo para a evangelização mundial

Em terceiro lugar, a Bíblia nos fornece o modelo para a evangelização do mundo. Além da mensagem (o que temos de dizer), precisamos de um modelo (como dizer). A Bíblia supre isto também. Ela não apenas contém o evangelho: ela é o evangelho. Por meio da Bíblia o próprio Deus está evangelizando, isto é, comunicando as boas novas ao mundo. Você deve estar lembrado da declaração de Paulo acerca de Gênesis 12.3, segundo a qual “a Escritura [...] preanunciou o evangelho a Abraão” (Gl 3.8). Toda a Escritura prega o evangelho. Deus evangeliza por meio dela.

Se, portanto, as Escrituras são a evangelização divina, é evidente que podemos aprender a



pregar o evangelho, considerando como Deus o fez. Ele nos proporcionou, no processo da inspiração bíblica, um belo modelo evangelístico.

O que de imediato nos surpreende é a grandeza da condescendência de Deus. Ele tem uma verdade sublime para revelar acerca de si mesmo e de seu Cristo, sua misericórdia, sua justiça e sua total salvação. Ele escolheu fazer essa revelação pelo emprego do vocabulário e da gramática da língua humana, de seres humanos, de imagens humanas e de culturas humanas.

Contudo, por meio desse humilde recurso de palavras e imagens humanas, Deus falava as palavras dele. A doutrina evangélica da inspiração das Escrituras enfatiza sua dupla autoria. Homens falaram, e Deus falou. Homens falaram de Deus (2Pe 1.21), e Deus falou por intermédio de homens (Hb 1.1). As palavras faladas e escritas eram de Deus e também deles. Ele decidiu o que queria dizer, mas não sufocou a personalidade humana. Eles usaram suas faculdades livremente, mas não distorceram a mensagem divina. Os cristãos desejam declarar algo semelhante sobre a encarnação, o clímax da autocomunicação de Deus: “O Verbo se fez carne” (Jo 1.14). Isto é, a Palavra eterna de Deus, que desde a eternidade estava com Deus e era Deus, o Agente através do qual o Universo foi criado, tornou-se um ser humano, com todas as características de um judeu palestino do primeiro século. Ele se tornou pequeno, fraco, pobre e vulnerável. Ele experimentou a dor e a fome e se expôs à tentação. Tudo isso fazia parte da “carne”, isto é, do ser humano que ele se tornou. Tornando-se um de nós, porém, não deixou de ser ele mesmo. Cristo continuou sendo o Verbo eterno, isto é, o Filho eterno de Deus.

Essencialmente, o mesmo princípio é ilustrado pela inspiração das Escrituras e pela encarnação do Filho. O Verbo se fez carne. O divino foi comunicado pelo humano. Deus se identificou conosco, embora não renunciasse à sua identidade, e esse princípio de “identificação sem perda de identidade” é o modelo para toda a evangelização, especialmente a evangelização transcultural.

Alguns de nós se recusam a identificar-se com o povo que alegam servir. Continuamos sendo nós mesmos e não nos tornamos iguais a eles. Permanecemos afastados. Agarramo-nos desesperadamente à nossa herança cultural, com base na concepção errônea de que é parte indispensável de nossa identidade. Não queremos perdê-la e não apenas mantemos nossas práticas culturais com tenacidade feroz, como também tratamos a herança cultural da terra de nossa adoção sem o respeito que merece. Assim, praticamos um duplo tipo de imperialismo cultural, impondo nossa cultura a outros e desprezando a deles. Não foi esse, porém, o procedimento de Cristo, que se esvaziou de sua glória e se humilhou para poder servir.

Outros mensageiros transculturais do evangelho cometem o erro oposto. Tão determinados estão em identificar-se com o povo que vão servir que até abrem mão de seus padrões e valores cristãos, mas esse também não foi o procedimento de Cristo, uma vez que, ao se tornar humano, ele permaneceu verdadeiramente divino. O Pacto de Lausanne, no parágrafo 10, expressa esse princípio nestas palavras: “Os evangelistas de Cristo têm de, humildemente, procurar esvaziar-se de tudo, exceto de sua autenticidade pessoal, a fim de se tornarem servos dos outros, e as igrejas têm de procurar transformar e enriquecer a cultura; tudo para a glória de Deus”.

Temos de lidar com os motivos que levam as pessoas a rejeitar o evangelho e, em particular, dar o devido valor aos fatores culturais. Alguns rejeitam o evangelho não porque o consideram falso, mas porque o acham estranho à sua cultura.

O dr. Renné Padilla foi criticado em Lausanne, no Congresso sobre a Evangelização Mundial, de 1974, por afirmar que o evangelho que alguns missionários europeus e norte-americanos exportaram foi um “cristianismo cultural”, uma mensagem cristã distorcida pela cultura materialista e consumista do Ocidente. Foi doloroso ouvi-lo dizer isso, mas obviamente ele estava totalmente certo.



Todos nós precisamos sujeitar nosso evangelho a um escrutínio mais crítico, e, numa situação transcultural, os evangelistas visitantes precisam, com humildade, buscar ajuda dos cristãos locais para discernir as distorções culturais de sua mensagem.

Outros rejeitam o evangelho porque percebem que é uma ameaça à sua cultura. É claro que Cristo desafia cada cultura. Sempre que apresentamos o evangelho aos hindus, budistas, judeus, muçulmanos, secularistas ou marxistas, Jesus Cristo os desafia com a exigência de abandonarem tudo a que se dedicaram até o momento e de os substituírem por ele mesmo. Jesus é o Senhor de cada pessoa e de cada cultura. Essa ameaça, essa confrontação não pode ser evitada. Mas não estará o evangelho que proclamamos apresentando às pessoas outras ameaças desnecessárias, ao exigir o abandono de costumes inofensivos ou porque parece destruir a arte, a arquitetura, a música e as festas nacionais, ou porque nós, que o apresentamos, somos orgulhosos de nossa cultura e cegos para a cultura dos outros?

Resumindo, quando Deus nos falou nas Escrituras ele usou linguagem humana e quando nos falou em Cristo assumiu carne humana. A fim de revelar-se, ele se esvaziou e se humilhou. Esse é o modelo de evangelismo que a Bíblia apresenta. Existe autoesvaziamento e auto-humilhação em todo evangelismo autêntico. Sem eles, contradizemos o evangelho e deturpamos o Cristo que proclamamos.

O poder para a evangelização mundial

Em quarto lugar, a Bíblia nos concede o poder para a evangelização do mundo. É quase desnecessário enfatizar nossa necessidade de poder, pois sabemos quanto nossos recursos humanos são fracos em comparação com a magnitude da tarefa. Também sabemos quão blindadas são as defesas do coração humano. Pior ainda, conhecemos a realidade, a maldade e o poder do Diabo e dos demônios sob seu comando.

As pessoas intelectualizadas podem ridicularizar nossas crenças, e até caricaturizá-las,

a fim de tornar mais plausível o ridículo da própria condição delas. No entanto, os cristãos evangélicos são simples o bastante para crer no que Jesus e seus apóstolos ensinaram. Para nós, é fato inegável que, na expressão de João, “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5.19). Até que sejam libertados por Jesus Cristo e transportados para seu Reino, todos os seres humanos são escravos de Satanás. Além disso, percebemos o poder maligno no mundo contemporâneo — nas trevas da idolatria e no medo dos espíritos; na superstição e no fatalismo; na devoção aos deuses que não são deuses; no materialismo egoísta do Ocidente; na propagação do comunismo ateu; na proliferação de sistemas religiosos irracionais; na violência e na agressão; na deterioração generalizada dos padrões absolutos de bondade e verdade. Tudo isso é resultado da obra daquele que nas Escrituras é chamado “mentiroso”, “enganador”, “caluniador” e “homicida”.

Portanto, a conversão e a regeneração cristãs continuam sendo milagres da graça de Deus. Representam o auge de uma luta poderosa entre Cristo e Satanás ou, na marcante figura de linguagem apocalíptica, entre o Cordeiro e o Dragão. O assalto ao palácio do homem forte só é possível porque ele foi amarrado por Alguém que é ainda mais forte e que por sua morte e ressurreição desarmou os principados e potestades do mal e deles se desfez (Mt 12.27-29; Lc 11.20-22; Cl 2.15).

Como então participaremos da vitória de Cristo e derrotaremos o poder do Diabo? Deixemos que Lutero responda à nossa pergunta: *Ein wörtlein will ihn fällen*. “Vencido cairá por uma só palavra.” Há poder na Palavra de Deus e na pregação do evangelho. Talvez a expressão mais dramática dessa realidade no Novo Testamento esteja em 2Coríntios 4. Paulo faz menção do “deus deste século”, que “cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo” (v. 4).

Se a mente humana está cega, como poderá enxergar? Somente por meio da Palavra criadora



de Deus. Pois foi Deus quem disse que “de trevas resplandecerá luz” que brilhou em nosso coração “para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (v. 6). Assim, o apóstolo compara o coração não regenerado ao negro caos inicial e atribui a regeneração ao divino fiat: “Haja luz”.

Se Satanás cega as mentes das pessoas e Deus ilumina o coração delas, em que poderemos contribuir para esse encontro? Não seria mais humilde de nossa parte nos retirarmos do campo de batalha e deixar que lutem? Não, essa não é a conclusão a que Paulo chega.

Pelo contrário, entre os versículos 4 e 6, que descrevem as atividades de Deus e Satanás, o versículo 5 diz qual é a obra do evangelista: “Pregamos [...] a Cristo Jesus como Senhor”. Considerando que a luz que o Diabo deseja evitar que as pessoas vejam e que Deus faz brilhar nelas é o evangelho, o melhor a fazer é pregar. Preguar o evangelho, longe de ser desnecessário, é indispensável. É o meio estabelecido por Deus para que o príncipe das trevas seja derrotado e a luz jorre no coração do ser humano. Há poder no evangelho de Deus — poder de Deus para a salvação (Rm 1.16).

Podemos ser muito fracos. Às vezes, desejo que fôssemos ainda mais fracos. Diante das forças do mal, somos tentados a exibir certa força cristã e a nos envolver em pequenas escaramuças verbais em nome do evangelho. Entretanto, é

em nossa fraqueza que a força de Cristo se faz perfeita, e são as palavras marcadas pela fraqueza humana que o Espírito reveste com poder. Portanto, é quando somos fracos que somos fortes (1Co 2.1-5; 2Co 12.9-10).

Vamos proclamar a Palavra no mundo!

Não vamos consumir todas as nossas energias discutindo sobre a Palavra de Deus. Em vez disso, vamos começar a usá-la. Ela comprovará sua origem divina por meio do poder divino. Vamos proclamá-la no mundo! Quem dera todos os missionários cristãos e evangelistas proclamassem o evangelho bíblico com fidelidade e sensibilidade e cada pregador cristão fosse um expositor fiel da Palavra de Deus! Então Deus demonstraria seu poder salvador.

Sem a Bíblia, a evangelização do mundo é impossível, pois sem ela não temos nenhum evangelho para levar às nações, nenhuma garantia para oferecer, nenhuma ideia de como fazer a tarefa e nenhuma esperança de sucesso. É a Bíblia que nos dá o mandato, a mensagem, o modelo e o poder de que precisamos para a evangelização do mundo. Portanto, vamos nos apoderar dela outra vez, por intermédio do estudo e da meditação diligentes. Vamos dar atenção aos seus mandamentos, captar sua mensagem, seguir sua orientação e confiar em seu poder. Vamos levantar nossa voz e tornar a Palavra conhecida.

Perguntas para estudo

1. Qual a crença básica deste artigo? Explique a diferença que ela poderá fazer na vida do candidato em potencial ao trabalho missionário.
2. Um missionário, depois de enfrentar muitas críticas quanto ao seu trabalho, começou a procurar uma explicação para ter dado esse passo: “Por que estou fazendo este trabalho?”. Com base no conteúdo deste artigo, o que você diria a ele?

Missões: a prioridade de Deus

Russell P. Shedd

2



Filho de missionários norte-americanos, RUSSELL P. SHEDD nasceu na Bolívia, foi missionário em Portugal e veio para o Brasil em 1962. Fundou Edições Vida Nova e atualmente é consultor da Shedd Publicações. Lecionou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e viaja pelo Brasil e exterior participando de conferências. Ph.D em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, na Escócia, o dr. Shedd é autor de vários livros e foi membro da comissão de tradutores para o português brasileiro da Bíblia *Nova Versão Internacional* (NVI).

Este artigo é a adaptação de uma palestra ministrada por ele no I Congresso Nordestino de Missões, realizado em Caruaru (PE). Foi publicado no livro *Anunciai entre as nações a sua glória* (Curitiba: Esperança, 2004).

Lucas relata que Jesus, depois de ressuscitar, reuniu seus discípulos e falou-lhes duas coisas. A primeira foi que o Antigo Testamento ensinava claramente que o Messias tinha de morrer e ressuscitar. Em seguida, acrescentou que o evangelho seria pregado a todas as nações.

O ensino que Jesus transmitiu aos discípulos após a ressurreição deve ter sido uma novidade para eles, mas estava claramente expresso no texto sagrado. Veja como Jesus falou: “Está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém” (Lc 24.46,47).

A ordem de fazer missões é muito clara no Novo Testamento, porém Jesus buscou no Antigo Testamento a base para essa declaração. Se lermos a Bíblia toda sem observar sua ênfase sobre missões, provavelmente a estamos lendo superficialmente, como eu lia o Antigo Testamento, sem notar a centralidade do plano de Deus para as nações. Agora penso de modo diferente. Foi uma mudança de paradigma para mim!

Leiamos alguns textos que Jesus poderia ter usado para comprovar que a tarefa de levar o evangelho a todas as criaturas, nações, línguas e povos não era uma novidade do primeiro século. Ela começou no coração de Deus e foi anunciada inicialmente no Antigo Testamento.

A finalidade da criação

O Antigo Testamento começa com a criação de tudo que existe. No centro de seu plano, Deus criou o homem — e todos nós — à sua imagem, por várias razões. O próprio Universo não existiu eternamente. Deus o criou com um propósito. O Universo teve início num momento da História — “no princípio” — e terminará no fim da História, após a segunda vinda de Cristo. Por que Deus decidiu fazer tudo que fez? Os cientistas ateus pesquisam a criação. Descobrem os segredos da natureza e como funcionam os processos e leis naturais, mas lamentam não saber a razão por que existe qualquer coisa, porém nós, cristãos, sabemos os motivos de o Universo e o homem existirem. Citaremos apenas cinco deles.



Primeiro motivo da criação

O primeiro motivo da criação foi o desejo de Deus de ter pessoas com quem pudesse desfrutar comunhão. Deus é social. Ele ama pessoas como nós — gente. Gente que conversa com ele. Ele queria alguém com quem pudesse conversar e de quem recebesse adoração. Por isso, criou-nos à sua imagem, para ter um relacionamento amoroso conosco. Isso se encaixa estreitamente na tarefa missionária. O propósito das missões tem seu fundamento nesse desejo de Deus. Cada pessoa que se converte hoje terá comunhão com ele eternamente.

Segundo motivo da Criação

Deus é um Deus feliz. Deduzimos isso de uma frase de 1Timóteo 1.11, “o evangelho da glória do Deus bendito”. A palavra “bendito” (*makários*, no grego) quer dizer “feliz” (compare com as bem-aventuranças). Ele queria compartilhar sua felicidade com o ser humano.

As pessoas mais felizes da terra devem ser os missionários. Com certeza, divulgar as boas novas, obedecer à última ordem de Cristo, levar pessoas a conhecê-lo e, por conseguinte, poder entrar no gozo do Senhor é um trabalho glorioso

e tem relação direta com o motivo de Deus ter criado a humanidade.

Terceiro motivo da criação

Deus nos criou para mostrar seu amor. Ele já amava o Filho, e o Filho amava o Pai, mas queriam um povo para demonstrar seu amor. Ele multiplicou a população da terra para revelar seu infinito amor. Ele derramou seu amor em nosso coração para que possamos também amar aqueles que Deus ama. Se você não é missionário, no sentido mais lato da palavra, talvez o amor de Deus tenha sido sufocado em sua vida. Não entrou na sua veia nem nas suas artérias, por isso não circula em seu coração o desejo de alcançar os perdidos. Deus criou homens e mulheres para compartilhar sua felicidade e demonstrar seu amor. Devemos responder e corresponder ao seu amor com grata obediência.

Quarto motivo da criação

Deus criou o mundo para ser glorificado por meio dele. Ele criou o ser humano à sua imagem para que este pudesse glorificá-lo por causa de sua graça. Efésios 1.6 é uma passagem

Participação no sacerdócio divino

Êxodo 19.4-6

Walter C. Kaiser Jr.

Aos judeus destinatários da dádiva da libertação, o texto de Êxodo propositadamente diz: “Agora, pois...”. Essas palavras deixam implícita uma consequência natural que deveria ser resultado do auxílio miraculoso de Deus na fuga do Egito.

Êxodo 19.5,6 prossegue: “Se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha *propriedade peculiar* dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis *reino de sacerdotes e nação santa*. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel”. Deus especifica três ministérios para os descendentes de Abraão.

Em primeiro lugar, deveriam ser a *propriedade peculiar* de Deus, ou, como também poderia ser traduzido, sua possessão especial. A palavra “peculiar” vem de uma palavra latina que significa “objetos de valor” ou quaisquer tipos de bens transportáveis que, em contraste com bens imóveis, não estão presos à

Walter C. Kaiser Jr. é presidente emérito do Gordon-Conwell Theological Seminary e professor de Antigo Testamento. Anteriormente, lecionou na Trinity Evangelical Divinity School e na Wheaton College. Também atuou como pastor. Dentre seus numerosos escritos, destacam-se *Toward an Old Testament Theology* e *The Promise-Plan of God*.

Extraído de *Missões transculturais: uma perspectiva bíblica* (São Paulo: Mundo Cristão, 1996), v. 1, p. 333-4. Publicado com permissão.



fundamental das Escrituras porque explica o motivo pelo qual Deus nos criou. Considere seriamente que, tanto a eleição antes da fundação do mundo quanto a predestinação para sermos filhos adotivos, aconteceu, segundo esse texto, “para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado”. Não é possível negar, à luz dessa passagem, que o propósito original no plano da criação foi que pessoas inteligentes e dotadas de emoção louvassem a graça gloriosa de Deus. Esse é o principal motivo das missões. Paulo escreveu aos coríntios: “Todas as coisas [os sofrimentos] existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus” (2Co 4.15).

Quinto motivo da criação

Deus criou o homem para compartilhar com ele sua santidade. “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11.44). Ele não admitirá pecadores rebeldes no lar celestial. Por isso, nos manda aumentar a santidade no mundo e multiplicar o número de “santos” na terra. Um dos títulos do povo de Deus é “nação santa” (Êx 19.6), confirmando que, se Deus tem filhos na terra

inseridos em sua Igreja, eles serão marcados pela santidade do “Pai” celestial.

O coração missionário de Deus revelado no Antigo Testamento

Examinemos alguns textos-chave da Bíblia para buscar as bases para missões e o propósito divino para a humanidade.

Gênesis 12.1-3

Esta passagem central no Antigo Testamento apresenta a chamada de Abraão, nosso pai na fé e tem importantes implicações para a obra missionária:

Disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Nesta passagem, que Jesus deve ter mencionado aos seus discípulos, temos uma dupla

terra. É o caso de joias, rebanhos e ações. O ponto central é que Israel devia ser o filho de Deus, seu povo, seu primogênito (Êx 4.22) e, agora, seu tesouro especial. A ênfase aqui recai sobre a *transportabilidade* da mensagem e sobre o fato de que Deus atribuiu um valor tão elevado a *peçoas*.

Outro papel que Israel devia desempenhar era o de reis e sacerdotes para Deus. A forma possessiva (ou o construto hebraico) “reino de sacerdotes” é mais bem traduzida (com base em seis ocorrências em textos de prosa) por “reis e sacerdotes” ou “sacerdotes reais”. Se alguma dúvida ainda existia, é aqui que o papel missionário de Israel se torna explícito. Como representante do Reino de Deus, a nação toda devia agir num papel mediador em relação às demais nações. De fato, foi essa passagem que se tornou a base para a famosa doutrina do Novo Testamento a respeito do sacerdócio dos crentes (v. 1Pe 2.9; Ap 1.6; 5.10).

Israel devia realizar uma terceira tarefa: a de “nação santa”. Na Bíblia, a santidade não é uma espécie de anestésico que atinge os participantes de um culto dominical e os torna um tanto desligados e passivos. Santidade é integridade. Ser “santo” é pertencer inteiramente ao Senhor.

Assim como os sacerdotes deviam representar a Deus e mediar sua palavra às nações, da mesma forma Israel, como nação santa, devia assumir dois relacionamentos: o primeiro com Deus, seu Rei, e o outro com as nações. Devia ser uma nação separada por todas as eras e em relação a todos os povos. Israel, porém, começou a se comportar de maneira egoísta, como costumamos fazer, agindo como um clube de piedosos, em vez de se lembrar de que haviam sido chamados para compartilhar com as nações as bênçãos, a verdade, as dádivas e a “Semente”.



ordem: “Sai da tua terra” e “Sê tu uma bênção”. Abraão deveria sair para ser uma bênção e ser abençoado. Nele o mundo inteiro — todos os lugares, tribos, povos e nações — seriam abençoados.

Cremos na Palavra de Deus e que essa promessa, ainda não concretizada inteiramente, irá se cumprir.

Existe algo mais interessante nesse texto. Qualquer contador, ou pessoa que trabalha com números, sabe que a soma de todas aquelas fileiras de cifras depende dos números que estão em cima. Ele sabe que se houver um erro em alguma dessas cifras, haverá um resultado errado na última linha. Esse princípio da matemática pode ilustrar e explicar por que o compromisso das igrejas com as missões é tão fraco.

O Brasil evangélico, até agora, enviou um número quase inexpressivo de missionários. Há menos de um missionário para cada 10 mil crentes. Estou convencido de que essa desproporção tem uma explicação razoável. Vejamos como se aplica à tarefa missionária. Como já vimos, se escrevemos números errados nas linhas de cima, a soma estará errada.

A passagem de Gênesis contém a promessa de que Deus há de abençoar a Abraão. Todos querem as bênçãos de Deus. Corresponde à linha de cima o “abençoarei”, mas se entendemos mal a linha de cima, a linha de baixo — “Sê tu uma bênção” para todas as nações (famílias) da terra — sairá errada. A bênção da promessa está diretamente ligada à obediência à ordem de ser uma bênção. Não dá certo buscar a bênção sem querer ser uma bênção.

Todas as nações receberão as bênçãos prometidas a Abraão. A Palavra de Deus não pode falhar, mas primeiro é essencial que Abraão e seus descendentes pela fé sejam uma bênção. É inútil reivindicar bênçãos se não estamos abençoando os perdidos com a oferta do evangelho.

Receber benefícios da parte de Deus corresponde à linha de cima. Transmitir esses benefícios para os que não têm acesso à bênção abraâmica está diretamente vinculado às bênçãos recebidas. A bênção da salvação, a linha

de cima, implica a responsabilidade de ser uma bênção, de compartilhar essa salvação com os que não têm acesso ao evangelho.

Gênesis 50.15-21

A história de José, em Gênesis 50, revela o mesmo princípio. Seus irmãos estavam preocupados com o fato de que José, agora exaltado com plenos poderes no Egito, retribuísse o mal que sofreu.

Vendo os irmãos de José que seu pai já era morto, disseram: É o caso de José nos perseguir e nos retribuir certamente o mal todo que lhe fizemos. Portanto, mandaram dizer a José: Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai. José chorou enquanto lhe falavam. Depois, vieram também seus irmãos, prostraram-se diante dele e disseram: Eis-nos aqui por teus servos. Respondeu-lhes José: Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim, os consolou e lhes falou ao coração.

Está bem claro no texto que a bênção na vida de José, depois de muitas maldições, não deveria ser limitada a ele próprio. A grande bênção que recebeu (a linha de cima) teria de implicar a bênção de sua família e muitos milhares de vidas salvas. A revelação que José recebeu sobre os anos de prosperidade e sobre a fome no Egito mostrou que Deus tinha um propósito central para sua vida. Deus o abençoou para que ele pudesse abençoar outras pessoas. A linha de cima — os benefícios recebidos — implica a linha de baixo — a concessão de benefícios aos que não os possuem.



Deus nos revelou algo muito mais precioso, uma revelação mais importante que a recebida por José. A questão é: por que Deus tem abençoado a sua vida? A razão bíblica é a preservação de vidas para a eternidade na gloriosa presença de Deus. Se nos interessamos apenas em receber a bênção da salvação, sem passá-la adiante, estamos contrariando o propósito de Deus. Desprezamos a prioridade divina.

Deuteronômio 4.5-8

Aqui Moisés mostra também as duas linhas, as bênçãos decorrentes de ser o povo escolhido e a responsabilidade de abençoar as nações:

Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o Senhor, meu Deus, para que assim façais no meio da terra que passais a possuir. Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente. Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho?

Imagine se o Brasil estivesse na posição de Israel prevista nesse momento histórico. Se as leis escritas e assinadas pelo presidente fossem leis criadas na mente de Deus e passadas diretamente aos deputados em Brasília, como o país estaria bem! Imagine se o Brasil, como o Israel antigo, em vez de pensar em problemas e dívidas internacionais, pudesse dobrar os joelhos e usufruir a bênção notável de empregos para todos, de estarem os meninos de rua recebendo o devido cuidado. Imagine a bênção de saber que os órfãos estão sendo nutridos com as verdades de Deus. Imagine um Brasil que não precisasse cuidar de suas fronteiras nem combater o tráfico de drogas. Pense em ter Deus tão próximo a proteger a nação: não seria preciso gastar

dinheiro com o Exército e nem com policiais. Leis falhas e interesseiras, feitas por homens, seriam substituídas por leis divinas e perfeitas. Beneficiado por essas leis e pela proteção divina nas crises, em resposta às orações do povo de Deus, o Brasil seria um país invejável. Foram essas bênçãos, segundo o texto de Deuteronômio, que Deus ofereceu a Israel.

Qual seria o efeito dessas bênçãos (a linha de cima) sobre os países vizinhos? O próprio texto responde. Seria um forte efeito missionário com seus benefícios. As nações vizinhas buscariam ao Senhor e seguiriam suas leis (a linha de baixo). Aprenderiam a viver bem imitando o Brasil e obedecendo às leis criadas no céu. Buscariam ao Deus único e ao seu Reino para obter as bênçãos desfrutadas pelo Brasil.

Vejo um país que tem grande interesse em ser um país evangélico. Existem até previsões de que em poucos anos o Brasil será do Senhor, mesmo antes de sua vinda. Não sei se podemos realmente esperar uma bênção tão grandiosa, mas se acontecer não será surpresa se os países vizinhos vierem buscar a mesma bênção (a linha de baixo).

Houve uma época em que um país foi extraordinariamente abençoado. Esse país foi fundado no século XVII. Os fundadores fugiram da Inglaterra para estabelecer uma nação em que Deus seria honrado e haveria liberdade de consciência. As bênçãos de Deus caíram sobre os Estados Unidos. Houve um tempo em que as crianças podiam sair de casa sem perigo. Não havia meninos de rua. As chaves ficavam dentro do carro, sem que fosse preciso trancar as portas. As casas ficavam abertas sem muros ou sistemas de alarme. Não se pensava em violência nem se falava em drogas. Homicídio era uma raridade. Hoje não é mais assim. Esse país mudou, depois que abandonou a maioria dos princípios que garantem a bênção. A preocupação com a evangelização de todos os povos diminuiu.

Quando Jimmy Carter estava na presidência, um amigo foi convidado para falar num congresso de missões nos Estados Unidos da América. Cerca de 4 mil pessoas esperavam



atentas a palavra do pastor Greg Livingstone (hoje diretor de uma missão no norte da África). Concederam-lhe um minuto para falar. Ele foi à frente e fez a seguinte pergunta: “Quantos de vocês estão orando pela libertação dos 52 americanos sequestrados no Irã?”. Os mais velhos lembram-se da grande preocupação causada pelo sequestro daqueles americanos. Quase todas as mãos se levantaram no auditório, indicando a preocupação generalizada. Em seguida, fez outra pergunta: “Quantos estão orando pela libertação de 52 milhões de iranianos das algemas de Satanás?”. Os braços foram abaixando até não restar mais que um ou dois em toda aquela multidão. Meu amigo sentou-se, sem utilizar todo o seu minuto, dizendo: “Percebo que vocês são mais americanos que cristãos!”. Ficou claro que ele falava das duas linhas. Aqueles milhares de pessoas preocupavam-se apenas com a linha de cima. Sabiam de quem e em que nome podiam pedir a libertação dos sequestrados, mas não tiveram a preocupação de pedir a libertação de 52 milhões de seres humanos algemados espiritualmente.

Quero deixar assentado, primeiramente em meu coração, depois no do leitor, que a linha de baixo depende de entendermos a razão pela qual Deus abençoa nossa vida. Se não recebi bênção alguma, tudo bem. Se não ganhei nada de Deus, ele não cobrará nada de mim. No entanto, se Deus tem nos abençoado de alguma maneira especial e se ele nos tem dado conhecimento da verdade de sua Palavra, com o resultado de que podemos viver e morrer felizes, temos de levar a sério a linha de baixo.

Salmo 67.1,2

Mais um texto confirma a tese desta mensagem. O salmo 67 mostra as duas linhas de maneira notável.

Quantos se esqueceram de orar hoje? Quantos têm coragem de admitir isso? Provavelmente, a maioria orou. E quem não pediu qualquer bênção? Sabemos que é raríssimo orar sem pedir pelo menos uma bênção.

Animou-me bastante notar que em Salmos 67.1,2, Deus não condena a prática de pedir bênçãos. Esse salmo fala de bênçãos, mas não exatamente de prosperidade:

Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o rosto; para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação.

Meditando, perguntei para mim mesmo o que teria acontecido se a nação israelita, receptora original dessas palavras inspiradas, tivesse dado prioridade a esse texto. Como seria diferente a história da humanidade se Israel tivesse dado valor à linha de baixo e estabelecido como o mais importante alvo de sua existência abençoar a todos os árabes! O mundo tem mais de um bilhão de muçulmanos. Israel é apenas uma pequena ilha num oceano inimigo de muçulmanos. Se, em vez de se preocupar com a própria segurança, Israel tivesse pedido a bênção de Deus para os muçulmanos, a fim de que conhecessem os caminhos do Senhor, como seria diferente a história atual! Provavelmente, milhares de pessoas estariam vivas, e famílias inteiras, ainda unidas. As torres gêmeas não teriam caído em Nova York, soterrando quase 3 mil pessoas. Quase todos os dias morrem vítimas do ódio em Israel. Parece que Israel formou sua nação para buscar a própria segurança, em vez de abençoar os povos vizinhos. Não é meu propósito lançar críticas contra ninguém, mas esse salmo não deixa dúvidas quanto ao propósito de Deus.

Paremos um instante para refletir. Qual é minha preocupação maior na vida? A resposta de todos nós é a mesma. Ser abençoado por Deus. Quero que ele abençoe minha família, os filhos, os netos, a esposa, o trabalho, a situação financeira. É isso o que mais importa. E Deus não despreza tais petições, porém não estaremos glorificando a Deus se dermos prioridade à linha de cima e ignorarmos a linha de baixo. Jesus, pouco antes de sua exaltação, declarou aos discípulos que a bênção de os povos gentios conhecerem os caminhos do Senhor deve ser o



foco de seu ministério. Em Jerusalém, na Judeia, em Samaria e até os confins da terra, eles seriam testemunhas da graça de Deus que salva.

Quero encerrar afirmando algo sobre nossa nação. Os irmãos sabem que a teologia predominante no Brasil é a chamada “teologia da prosperidade”. É quase certo que o pregador que conseguir convencer brasileiros — evangélicos, católicos, espíritas e mesmo pessoas sem religião — de que possui poder para liberar bênçãos como saúde, emprego, salário maior e paz na família será “bem-sucedido”. Quem promete abençoar o povo material e socialmente está fadado ao “sucesso”. Contudo, quero enfatizar que é uma distorção do evangelho, pois não há interesse prioritário na linha de baixo. As promessas da antiga aliança, que abençoaram Israel materialmente, tinham o propósito de persuadir os povos a adorar e obedecer a Deus na totalidade de sua existência.

Quais são as promessas da nova aliança? Cristo voltará quando todas as nações tiverem ouvido que Cristo é o único caminho para Deus. Ele é o único Salvador. O descaso para com a obrigação missionária, em razão do interesse voltado para esta vida, demonstra pouco compromisso com a vida vindoura. Não se fala muito sobre o investimento no destino final.

A busca pelo poder do Espírito como forma de obter alívio, conforto e bem-estar, em vez de testemunho e proclamação, está em desacordo com o propósito central de Deus. A teologia da prosperidade destaca o ter, e não o ser. A lei da nova aliança deve ser interna. “Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jr 31.33). Não é a vontade de Deus que busquemos os benefícios do Reino de Deus sem dar prioridade ao próprio Reino. Os benefícios ilimitados de Deus virão no Milênio, mas poucos querem esperar um futuro distante e pouco almejado.

O resultado dessa distorção pode ser percebido no desinteresse em conhecer a Palavra de

Deus. Há também quase nenhum interesse pela exegese, pela hermenêutica, pelo discipulado e pelo estudo da Palavra. Busca-se a experiência, e não o Senhor das experiências. Parece uma diferença sutil, mas é importante. O Espírito Santo é apresentado mais como fonte de poder que como pessoa divina que glorifica ao Senhor Jesus (Jo 14.13). A ênfase exagerada sobre o indivíduo desvia nossa atenção da comunhão e da responsabilidade mútua da igreja (1Pe 2.9,10).

Não é certo omitir a ênfase sobre a obrigação e destacar apenas a motivação do amor que produz a alegria no Senhor (1Co 13.1,4,5). É muito comum omitir-se a proclamação da teologia bíblica acerca do sofrimento. Nesse caso, onde se encaixaria a cruz de Cristo ou as condições do discipulado? “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz [diariamente] e siga-me” são palavras pouco ouvidas, mas foram pronunciadas por Jesus.

Buscar os dons e manifestações do poder de Deus em benefício próprio, e não em benefício do Corpo de Cristo é mais um desvio do propósito bíblico revelado na Palavra.

Todas essas aberrações e distorções, até o ponto em que caracterizam a igreja brasileira, mostram preocupação com a linha de cima, e não com a de baixo.

Para o Brasil se tornar um verdadeiro celeiro de missões, é necessário que haja uma mudança de paradigma. Como Israel, no período do Antigo Testamento, teve a oportunidade de influenciar o mundo ao seu redor em prol do Deus único, cumprindo suas leis e demonstrando um amor profundo pelo Senhor, temos o desafio de realinhar nossas prioridades. Se genuinamente nos preocuparmos com a linha de baixo, isto é, que o evangelho seja proclamado e vivido entre todos os povos, a bênção gloriosa cairá sobre nós. Paulo assim se refere a esse futuro: “Para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus [...] para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.18,19,21).



Perguntas para estudo

1. O autor comenta que passou por uma “mudança de paradigma” ao perceber a ênfase missionária da Bíblia. O que significa esse tipo de mudança para a leitura bíblica? O que significa para a igreja local?
2. Além dos textos bíblicos destacados, que outras passagens do Antigo Testamento enfatizam o plano de Deus para as nações?

Esta obra é uma coletânea de textos que exploram as dimensões bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. Os textos, escritos por estudiosos e pessoas envolvidas com o trabalho missionário, falam da história e do incrível potencial desse movimento de proporções globais. Cada artigo traz também conselhos práticos que capacitarão os cristãos a trabalhar unidos, movidos pela promessa bíblica de que ao nome de Jesus se dobrará todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confessará que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.10-11).

Esta edição é composta de artigos novos e artigos atualizados e revisados da antiga edição, publicada em 4 volumes pela Editora Mundo Cristão na década de oitenta, intitulada *Missões Transculturais: Uma Perspectiva Bíblica, Uma Perspectiva Histórica, Uma Perspectiva Cultural e Uma Perspectiva Estratégica*.

O trabalho representa o pensamento de mais de cem líderes missionários e eclesiásticos. Uma característica desta nova edição que merece especial destaque é o fato de que mais de cinquenta artigos são de autoria brasileira, latino-americana ou de estrangeiros que atuam nesse contexto. Por outro lado, há também a colaboração de autores que representam mais de uma dúzia de países não latinos. Esperamos que o leitor se beneficie com a diversidade de pontos de vista aqui apresentados.

Perspectivas no Movimento Cristão Mundial divide-se em quatro seções: 1. Perspectiva Bíblica; 2. Perspectiva Histórica; 3. Perspectiva Cultural e 4. Perspectiva Estratégica.

A seção que trata da perspectiva bíblica pretende chamar a atenção do cristão para a sua responsabilidade como parte do projeto de Deus para redimir a humanidade e reinar sobre ela. Mostra também que os princípios que governam o conceito de missões não se encontram em uns poucos versículos do Novo Testamento; ao contrário, eles permeiam todas as Escrituras.

A perspectiva histórica nos leva a refletir sobre a nossa época à luz do passado e sobre o desenrolar do plano de Deus ao longo dos séculos, nos encorajando a perseverar nos dias de hoje.

A perspectiva cultural contempla os tremendos desafios que se apresentam à Igreja em face da realidade contemporânea. Contudo, pela graça de Deus, vemos que é possível comunicar o evangelho de forma eficaz em qualquer cultura.

Por fim, a perspectiva estratégica procura edificar sobre os fundamentos previamente estabelecidos, a fim de obter metas e metodologias definidas que ajudem a modelar o futuro. A dimensão da evangelização mundial é algo de tal grandeza que um único modelo estratégico não é suficiente. Por isso, precisamos utilizar com eficácia a diversidade de talentos de inúmeros cristãos, se quisermos ter a possibilidade de afirmar com honestidade que estamos cumprindo o último mandamento do Senhor.

ISBN 978-85-275-0420-1



9 788527 504201


VIDA NOVA

www.vidanova.com.br